

A PELE DA CIDADE /

THE SKIN OF THE CITY

Inoe, M. ¹

¹Centro Universitário Estácio de São Paulo – São Paulo/SP

Resumo

A Pele da Cidade é uma reflexão sobre a arte em relação definida com o lugar ao se transformar em terceira pele, ou seja, o ser humano como parte integrante do espaço e o espaço construído como influenciador das atitudes e percepções humanas. Para construir a ideia de Terceira pele, foi analisado o processo criativo de dois artistas que intervíram em duas mostras que trabalham com a ideia de transformar espaços urbanos como desdobramento do trabalho de um corpo. A primeira artista escolhida foi Ana Maria Maiolino que trabalhou na *Documenta 13* em Kassel na Alemanha e o outro artista foi Marco Gianotti que criou a *Sala Vermelha* em Arte/Cidade - *Cidade sem janelas*.

Palavras-chave: processo criativo, artes visuais, artista, pele, cidade.

Abstract

The Skin of the City is a reflection on the art defined in relation with the place as it becomes the third skin, that is, the human being as an integral part of space as well as the built space as an influencer of human attitudes and perceptions. In order to construct the idea of Third skin, the creative process of two artists was analyzed, who intervirmed in two shows that work with the idea of transforming urban spaces as an unfolding of the work of a body. The first artist chosen was Ana Maria Maiolino who worked at *Documenta 13* in Kassel in Germany, and the other artist was Marco Gianotti who created the *Red Room* in Art / City - *City without windows*.

Keywords: creative process, visual arts, artist, skin, city.

Introdução

O presente artigo *A Pele da Cidade* é um desdobramento do meu mestrado *Parangolé Visceral* realizado na UNESP, onde pesquisei o artista visual Hélio Oitica e como a sua vivência na favela da Mangueira no Rio de Janeiro influenciou o seu processo criativo nos *Parangolés* e na série *Tropicália*. O resultado final desta pesquisa inspirou-me a criar a série *Parangolé Visceral*, onde construí uma segunda pele com tripas de boi, para que as pessoas pudessem vestir e ao retirar ter uma sensação de troca de pele (Fig. 1).



Figura 1 - Arquivo Pessoal - *Autorretrato e Parangolé Visceral* na exposição *4 Estudos para o Corpo*

Portanto, a *Pele da Cidade* será uma reflexão sobre a arte em relação definida com o lugar ao se transformar em terceira pele, ou seja, o ser humano como parte integrante do espaço e o espaço construído como influenciador das atitudes e percepções humanas.

...das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor, sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual ao um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como nos sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas sejam enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (CALVINO, 1972, p. 44)

Para construir esta ideia, foram contextualizadas duas grandes mostras artísticas que transformam espaços arquitetônicos em uma Terceira pele. A primeira mostra é a *Documenta* realizada na cidade de Kassel. Na época do período nazista, a cidade de Kassel foi uma referência como fonte de armamento, pois por ser rica em ferro, foi palco central da revolução industrial alemã com a construção de tanques e aviões. Por este motivo, a cidade foi foco dos bombardeios durante a 2ª Guerra mundial, tendo 95% de seus monumentos arquitetônicos destruídos, um dos quais é o primeiro museu europeu, o Museum Fridericianum. Assim, com a tentativa de cobrir as feridas da guerra procurando retomar as raízes cortadas pelo nazismo, Arnold Bode criou a Documenta em 1955, se tornando a maior mostra de arte contemporânea do mundo, onde artistas de vários países interagiram em museus e nos espaços arquitetônicos. A cidade de Kassel é um exemplo de que é possível, através da arte, construir uma nova memória.

Na cidade de São Paulo também tivemos o Arte/Cidade, um projeto de intervenções urbanas, que se realiza em São Paulo desde 1994, buscando destacar áreas críticas da cidade diretamente relacionadas com processos de reestruturação e projetos de redesenvolvimento, visando identificar seus agentes e linhas de força e ativar sua dinâmica e diversidade. O primeiro bloco de Arte/Cidade - *Cidade sem janelas*, realizado em 1994, ocupou o antigo Matadouro Municipal da Vila Mariana, em São Paulo. O espaço possui uma estrutura arquitetônica pesada e isolada do resto da cidade. Ela recebeu artistas voltados para um corpo a corpo com a matéria, a inércia e o peso das coisas.

Em *A cidade e seus fluxos*, que ocupou o topo de três edifícios na região central de São Paulo, a questão era: numa área urbana sem limites precisos, cortada por inúmeras vias de trânsito, tinha-se três prédios, com obras que tratavam do movimento, da luz, da leveza e da escala desmedida do lugar. Em *A cidade e suas histórias*, realizado em 1997, tinha-se uma estação de trens (Estação da Luz) e um trecho ferroviário que atravessa os locais significativos do período fabril da cidade de São Paulo: os silos do antigo Moinho Central, e os galpões e chaminés que restam das Indústrias Matarazzo. O público percorreu de trem esses diversos lugares, em uma composição especialmente configurada para o projeto. As intervenções voltaram-se para a grande escala deste recorte, com suas áreas inacessíveis à observação que até então eram impossíveis a olho nu e desconectadas da organização urbana da metrópole atual.

Arte/Cidade - Zona Leste ocorreu em 2002, numa área de cerca de 10 km², na região leste de São Paulo. Palco de ações referente a imigração e da primeira industrialização da cidade,

a região atravessou longo período de desinvestimento, além da implantação de grandes sistemas de transporte. Recentemente, surgiram ali enclaves corporativos e condomínios habitacionais modernizados. Nos vastos intervalos abandonados, porém, proliferam favelas, comércio de rua e outros modos informais de ocupação do espaço urbano.

As situações urbanas são entendidas como pontos num corpo complexo, um modo de traçar novos territórios, e é exatamente este corpo da cidade onde inúmeros artistas intervíram na Documenta e Arte/Cidade que me motivou na investigação deste artigo.

Material e Métodos

Para realizar este artigo me pautei primeiramente na mostra realizada na *Documenta* de Kassel na Alemanha em 2012, onde pude coletar dados pessoalmente, isso ajudou-me a perceber e a vivenciar os espaços arquitetônicos que passaram pelas intervenções dos artistas.

A segunda mostra foi Arte/Cidade - *Cidade sem janelas*, realizado em 1994 que ocupou o antigo Matadouro Municipal da Vila Mariana, em São Paulo. Para percorrer e analisar estas duas mostras me apoiei no livro *Paisagens Urbanas*, do filósofo Nelson Brissac, que trabalha com questões relativas à arte e ao urbanismo, sendo também organizador e curador de *Arte/Cidade*. Este livro se trata de um estudo sobre cidades e sobre como nelas se situam as pessoas que as fazem e as habitam. *Paisagens urbanas* é uma reflexão sobre a arte em relação definitiva com o lugar. É a relação entre arte e cidade.

Outro livro que dará a poética necessária para este artigo é *Cidades Invisíveis* (1972) de Italo Calvino que foi um dos mais importantes escritores italianos do século XX. O *Cidades invisíveis* tem sido utilizado, mundo afora, não apenas como uma obra literária profunda e inspiradora, mas também para reflexões e pesquisas do fenômeno urbano, e, ainda, como ponto de partida didático para ensinar os alunos de arquitetura e arte a perceber e a pensar a cidade e de que, diante dela, estão diante de algo muito mais complexo do que um projeto arquitetônico, pois o universo urbano se estende muito além até mesmo do que o “urbanismo” possa representar, é uma extensão do corpo.

Resultados e Discussão

Desde 1955 e a cada cinco anos, cidade alemã se torna "umbigo do mundo da arte contemporânea". Documenta começou em 1955 para atrair turistas a Kassel. Dez anos após o

fim da Segunda Guerra Mundial, gerânios e primúlas floresciam em Kassel. A mostra de jardinagem Bundesgartenschau visava levar um pouco de cor à bombardeada cidade de província no norte do estado de Hesse. Mas quem lá esteve na ocasião viu mais do que as últimas tendências em projetos de jardinagem, pois a mostra foi acompanhada por uma exposição de arte: a primeira Documenta.

A partir da ideia de promover um local através da arte, a *Documenta* desenvolveu uma concepção que até hoje transforma Kassel na maior mostra do mundo de arte contemporânea, a cada cinco anos. Portanto, para iniciar esta discussão, escolhi a *Documenta 13* realizada em 2012, pois estive presente, facilitando, portanto, a minha análise. Os temas que serviram como fio condutor desta mostra foram, a era digital, o deslocamento, o comprometimento "no momento crítico que vivemos", a precariedade, o poder, o feminismo, o surrealismo, a injustiça de um mundo entre ricos e pobres, todas essas são questões levantadas pela curadora, "mulher e feminista", como frisou, para a concepção da exposição formada por obras de 193 criadores (dentre eles, o Brasil está representado por Anna Maria Maiolino, Maria Martins, Renata Lucas e Maria Thereza Alves).

Para realizar esta análise, escolhi uma artista brasileira, Ana Maria Maiolino, que transformou a arquitetura em um desdobramento do corpo em contraponto com sua ausência. Nascida na Itália, Maiolino desenvolveu a maior parte de sua obra no Brasil, desde sua chegada ao país, em 1960. Em Kassel, o trabalho de Maiolino ocupou todos os espaços da antiga casa do jardineiro do parque (Fig. 2). Formas cerâmicas encobrem os móveis do pavimento térreo. No primeiro andar, galhos de plantas impedem a passagem dos visitantes.



Figura 2 - Arquivo pessoal.

No subsolo, uma voz declamando uma poesia projetada em monitores transforma a instalação numa obra de arte total. A espetacular obra de Maiolino remonta à ausência do corpo e à presença de lembranças – como a casa dos pais que se deixou para trás.

Em vez da tradicional expectativa de encontrar o artista ao trabalho, operando furiosamente sobre o mundo visível, encontramos um universo no qual o homem dedica-se a desnudar suficientemente para descobrir o lugar secreto, em nós mesmos, a partir do qual toda outra experiência humana seja possível. (PEIXOTO, 2003, p. 305).

No Brasil tivemos Arte/Cidade - Cidade sem janelas, realizado em 1994, onde o artista em questão foi Marco Gianotti, que transformou um espaço do antigo matadouro em uma pele, ao pintá-la com pigmento vermelho puro suas paredes. Na abertura da mostra algumas pessoas encostavam nas paredes e só depois que saíram daquele espaço perceberam que suas roupas e peles estavam totalmente impregnadas com o pigmento que o artista havia utilizado. Não puderam perceber antes, porque todo o lugar que sofrera a intervenção tinha uma iluminação vermelha. Gianotti promoveu uma simbiose entre a arquitetura e o público transformando-os em um único corpo.

Conclusões

Durante toda a pesquisa pude perceber como as intervenções artísticas promovem ao público novas situações urbanas, como pontos num corpo complexo, um modo de traçar novos territórios, ao perceberem uma cidade como lugar de significação, como suporte de sentidos variados produzidos por diferentes grupos sociais urbanos que afirmam a cidade como experiência social. E que edifícios, ruas e casas representam muito mais do que espaços arquitetônicos, eles são um desdobramento de nossos corpos, onde possuem memórias e vestígios de tantas pessoas que já viveram nestes lugares, transformando-se em um só corpo em uma única pele, a pele da cidade.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, J. **De um Fragmento ao Outro**. São Paulo, Editora Zouk, 2003.
BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2009.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Companhia das letras, 1990.

CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2007.

GASTON, B. **A poética do espaço**. 2ª ed. São Paulo: Martins Editora, 2008.

KOTTE; ROWE, C. **Ciudad collage**. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1981.

LIVINGSTON, R. **Cirurgia das casas**. 1ª ed. Porto Alegre: Masquatro Editora Ltda e Nobuko S.A., 2014.

PEIXOTO, B. N. **Paisagens Urbanas**. Editora Senac, 2003.

VIRILIO, P. **A velocidade da libertação**. Editora Relógio d`água,1994.